

## **A Vida é Luta: Refugiados Africanos na Cidade de São Paulo** <sup>1</sup>

Leticia DIAS<sup>2</sup>  
Lorrane SANTOS<sup>3</sup>  
Silvio ESTEVAM<sup>4</sup>  
Tatiane GONSALES<sup>5</sup>  
Deise OLIVEIRA<sup>6</sup>

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O presente trabalho é um documentário sobre os refugiados africanos na cidade de São Paulo. O produto conta com os depoimentos de seis refugiados africanos de dois países: Angola e República Democrática do Congo e entrevistas de especialistas que dialogam com os relatos. O documentário foi utilizado por facilitar a compreensão dos espectadores, com a linguagem mais aprofundada sobre um determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira mais ampla e através de sua extensão interpretativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; documentário; refugiados; direitos humanos; narrativas.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade JO16 Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em vídeo e televisão.

<sup>2</sup> Recém-graduada do Curso Comunicação Social- Jornalismo, email: leticiadias.jor@gmail.com.

<sup>3</sup> Recém-graduada do Curso Comunicação Social- Jornalismo, email: lorrane.s.santos.23@gmail.com

<sup>4</sup> Aluno líder do grupo e recém-graduado do Curso Comunicação Social- Jornalismo, email: sje.lagoa@gmail.com

<sup>5</sup> Recém-graduada do Curso Comunicação Social- Jornalismo, email: tatiane@hotmail.co.uk

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social- Jornalismo, email: doliveira.fox@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

O perfil dos imigrantes que solicitam refúgio tem sofrido o impacto das crises humanitárias mundiais. O número de solicitações cresceu 800% nos últimos quatro anos, saltando de 566, em 2010, para 5256 no ano passado. Os dados são do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), divulgados em 14 de maio de 2014.

No Brasil, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o número de refugiados reconhecidos até julho de 2014 chegou a 6588, de 80 nacionalidades diferentes. O relatório *Análise Estatística (2010-2013)*, elaborado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), aponta que os principais grupos são formados por oriundos da República Democrática do Congo (RDC), Angola, Síria e Colômbia.

Refugiados, de acordo com Luiz Sales do Nascimento (2012), são pessoas que cruzam a fronteira internacional por sofrerem perseguições devido a motivos religiosos, de raça, nacionalidade, grupos sociais, opiniões políticas ou que em virtude desses temores não possam ou não desejam permanecer em suas nações de origem e não querem ser protegidos pelo país ou voltar a ele<sup>7</sup>.

A produção do documentário foi feita através do relato dos indivíduos, que assumem papel de interlocutores entre a realidade do refúgio e a sociedade. Dessa forma, o jornalismo literário e o jornalismo investigativo se fazem presente como narrativa e técnica para desencadear em histórias apresentadas pelos personagens.

Em busca de delimitação do tema, o trabalho se restringiu aos refugiados de origem africana que hoje se encontram na cidade de São Paulo. Isso porque a capital paulista é o principal destino de refugiados no Brasil. De acordo com o CONARE, a metrópole é a que mais obteve pedidos de refúgios em 2013 dentre todo território nacional: 1.092 de 5,2 mil.

Quanto às nacionalidades dos personagens, escolheram-se os congolese que, em 2013, tiveram um número expressivo de solicitações de refúgio devido à crise humanitária na RDC, conforme o relatório do ACNUR. Ao todo, somam-se 617 congolese com o status

---

<sup>7</sup> Luiz Sales do Nascimento é doutor em Direito Constitucional pela PUC-SP e promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo desde 1990.

reconhecido em território nacional (terceiro maior grupo). Em seguida, foram escolhidos os angolanos, que ocupam o segundo lugar, 1.062 pessoas, e perdem apenas para os colombianos, que totalizam 1.154 refugiados, números computados até 2013.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo é apresentar através do documentário “A vida é luta”, as histórias de africanos reconhecidos como refugiados na cidade de São Paulo. Além disso, o trabalho busca compreender de que forma o refugiado se integra e busca por condições melhores para vivência social, profissional e cultural.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Após os quatro anos de graduação em Comunicação Social foi possível ter a certeza de que o “verdadeiro jornalismo” é muito mais do que um diploma ou uma profissão. Como afirma Clóvis Rossi (2007), o jornalismo “é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitor, telespectador ou ouvinte”.

Sendo assim, acredita-se que este trabalho exerce o papel jornalístico porque tem como objetivo estruturante levar informações ao público, ajudando na percepção de situações-problema e na tomada de decisões que possibilitem a construção de uma sociedade cada vez mais democrática e baseada em valores humanísticos. Ou seja, espera-se que o jornalismo presente nas narrativas dos refugiados africanos que participam do documentário “A Vida é Luta” auxiliem o telespectador a adquirir novos conhecimentos, que estimulem a formação da própria opinião, através do conhecimento das dificuldades e dramas das pessoas que buscam, na cidade de São Paulo, uma esperança de sobreviver com dignidade.

Ao valorizar a importância do princípio de verificação de Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004), o trabalho explanou o tema atentando-se a todos os lados envolvidos no assunto (refugiados, organizações públicas e privadas, advogados e psicólogos) através da realização de entrevistas. Mas o que direciona a narrativa do documentário são as histórias contadas pelos refugiados.

A motivação inicial se deu com a participação na “1ª Oficina Paulista de Jornalismo sobre Proteção Internacional de Refugiados”, em setembro de 2012, na Secretária da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo. O tema foi escolhido, com base em critérios jornalísticos como a amplitude do assunto e a atualidade, e a partir da sensibilização perante a situação dramática enfrentada por quem precisa fugir de seu país de origem para viver em outra pátria.

Outro fator para a escolha foi a possibilidade de colocar em prática os pilares do jornalismo aprendidos durante a graduação. Assim, o documentário permitiu, a partir dos conceitos teóricos, o uso de técnicas de reportagem e realização de entrevistas. Segundo Cremilda Medina (2008), a entrevista passa por quatro estágios entre a pauta e a execução: pesquisa e técnicas, definição do objetivo pretendido, possibilidades para fugir de fatores que empobrecem a entrevista e conseguir contato mais profundo com o entrevistado.

O gênero audiovisual escolhido para “A Vida é Luta”, o documentário, permite o registro de acontecimentos sociais e humanos, e cria maior aproximação do público para com os retratados, uma vez que estes últimos mostram seus rostos, corpos, vozes e jeitos em frente aos equipamentos de captação de imagem e som. Além disso, a escolha do formato pode “proporcionar novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos”, segundo Bill Nichols (2008, p.27).

O documentário “A Vida é luta” não apenas descreve uma realidade, mas ajuda a compreender por que estão aqui e como vivem os refugiados africanos na cidade de São Paulo: uma realidade muitas vezes escondida sob a desinformação e o preconceito. E combater esse tipo de situação é justamente, um dos grandes desafios e um dos maiores compromissos de quem escolhe o jornalismo como meio de vida.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

No que diz respeito à produção do documentário, o conceito empregado para a realização de entrevistas com refugiados, especialistas e demais personagens que não atuam diretamente com o tema, como a população da capital paulista, estão presentes no livro de Thaís Oyama.

Buscou-se ouvir cada indivíduo a fim de realizar bons diálogos para a construção da narrativa:

Para ser um bom ouvinte e, conseqüentemente, um bom entrevistador, é necessário controlar o próprio ego. Ou, em outras palavras: esquecer quem você é, o que sabe, o que pensa sobre o assunto em questão e lembrar que só o entrevistado existe neste momento: ele é o centro do universo e todos os seus sentidos estão voltados para ele. (OYAMA, 2008, p.30).

Em relação aos conceitos de documentário, “A Vida é Luta” é caracterizado como documentário levando-se em conta a definição de Bill Nichols (2008, p.26). O autor defende que “todo filme exerce o papel de documentário”. Isso porque mesmo as ficções, que apresentam histórias irreais e imaginadas, não são capazes de fugir da evidência da cultura e da exposição de indivíduos que estão inseridos nela.

Para Nichols (2008), os documentários de não-ficção, no qual este produto se encaixa, visam o retrato social, com recortes feitos pelo cinegrafista de uma realidade passada, presente ou que ainda está por vir, permitindo possíveis reflexões ao telespectador de novas visões de um mundo comum, de forma que o público o aceite como o mundo histórico e real no qual compartilhamos.

O documentário possui em sua estrutura a predominância do modelo de linguagem expositiva, com uma produção participativa e um formato dramático, definições apoiadas nos autores Nichols (2008) e Robert Musburger (2008).

O estilo expositivo na linguagem do documentário “A Vida é Luta” é reconhecido por Nichols (2008, p.27) como “documentário de questão social”, se faz pela “ênfase na objetividade, do conhecimento”. Neste produto, é caracterizada a exposição do conteúdo, de modo a buscar o retrato mais fiel possível da realidade mostrada, com foco na importância histórica e social dos acontecimentos apresentados.

Além disso, a atenção máxima neste modelo deve remeter a uma situação-problema capaz de ligar questões coletivas, em que personagens se fundamentam por correlações com o problema e muitas vezes são vítimas deste (NICHOLS, 2008).

No modelo participativo há a ‘participação’ do documentarista e de sua equipe na obra, de forma que tornam-se indivíduos ativos no processo de filmagem. A presença do documenta-

rista pode surgir em conversas gravadas com a equipe e em conversas com entrevistados, por exemplo. “O pesquisador vai a campo, participa da vida de outras pessoas, habitua-se e depois reflete sobre a experiência, não se mantendo nativo, mas mantendo distanciamento” (NICHOLS, 2008, p.155).

O caráter estético de produção participativa em “A Vida é Luta” está nos momentos de inserção do grupo de documentaristas a campo, na vivência dos refugiados para que, a partir do contato em locais com cenas rotineiras, seja possível retratar as histórias dos personagens.

O estilo dramático de Musburger (2008) busca retratar a realidade das pessoas ou de um assunto. Dá ao microfone e à câmera maior abertura para mostrar o que acontece em relação à temática apresentada sem uma narração, e através disso exercer um impacto dramático ao filme.

Sendo assim, o formato dramático do documentário se deu através da postura em retratar uma questão social – que no caso é a situação de refugiados africanos na cidade de São Paulo atualmente. Relatam as situações dos personagens sem a presença de um narrador, deixando que a linha narrativa do produto seja guiada pelos depoimentos expostos.

As narrativas dos refugiados africanos foram construídas apoiadas no jornalismo literário e no jornalismo investigativo. Dentro do jornalismo literário, o depoimento e a história, são elementos fundamentais que permeiam toda a forma de construção do documentário. De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2009, p.52) o depoimento é uma narrativa quente que, “reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada”; a história tem como base “focalizar um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo e conectar com o presente criando um elo com o leitor atual” (PEREIRA LIMA, 2009, p. 54).

O autor Leandro Fortes (2007) explica que os métodos utilizados pelo jornalismo diante das circunstâncias são parecidos em suas inúmeras formas. Mas em todos os meios de comunicação jornalísticos, a reportagem só existe se houver apuração de um fato, por meio de fontes documentais ou pessoais. No entanto, o jornalismo investigativo é uma das maneiras mais eficientes das quais os jornalistas podem chegar mais perto da cidadania. Conforme Felipe Pena (2008, p.204) “se for exercido com responsabilidade, pode ser mais do que uma prática profissional:

pode ser um instrumento cívico”. Aqui nota-se a importância de ter-se utilizado desse método para buscar entender e narrar as histórias dos refugiados congolese e angolanos em São Paulo.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O documentário inicia-se com momentos *blacks* que intercalam frases curtas dos personagens, após o último acontece à abertura oficial do trabalho com a apresentação do nome “A Vida é Luta”.

No início um dos personagens canta uma música em dialeto africano que faz referência a situação dos refugiados. Após esta pequena introdução começam-se as histórias dos protagonistas, que seguem a linha narrativa de como era a vida em seu país, o que os levou a sair, como foi a chegada ao Brasil, como tem sido a integração com os brasileiros, como é o relacionamento com seus familiares distantes e quais são seus sonhos.

O documentário também conta com a declaração de especialistas no tema, que são utilizados para auxiliar a contextualizar a questão dos refugiados no Brasil. Alguns depoimentos dos personagens são intercalados com passagens, cenas que terão relação com a próxima temática a ser abordada, apresentando imagens como de grupos de refugiados e lugares da cidade de São Paulo.

Para dar dinamismo, no vídeo o produto conta com alguns cliques de imagens, mosaico e um momento de ‘povo fala’, além de trilhas que trazem a memória características da cultura africana.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

É possível, após os vários meses de produção do documentário “A Vida é Luta”, dizer que as diversas etapas possibilitaram uma experiência prática fundamental para a formação jornalística. O tema é considerado de grande relevância social e atual. No entanto, no decorrer da construção do trabalho, foi notável que o termo refugiado é trabalhado de forma errônea o que confunde a opinião da população e leva ao desconhecimento da sociedade sobre a realidade dos refugiados africanos na cidade de São Paulo.

O trabalho requisitou afastamento emocional devida à sua complexidade de histórias. Os nomes dos personagens foram preservados para manter suas identidades em sigilo. Quatro deles optaram por não mostrar os rostos. Essa segurança, solicitada pelas fontes, proporcionou maior aproximação entre os entrevistados e o grupo. Ao respeitar essa exigência fez-se valer o que prescreve no artigo 5º inciso XIV da Constituição Brasileira: “é assegurada a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional”.

O documentário permitiu compreender que o tema é, na maioria das vezes, despercebido aos olhos da sociedade paulistana, que não entende o termo refugiado, bem como desconhece ou somente imagina os problemas sociais que estes enfrentam na busca por integração.

Um dos desafios foi romper a barreira de aproximação entre os integrantes (brancos) e os refugiados de origem negra. Esse talvez tenha sido o maior obstáculo superado, uma vez que os próprios entrevistados questionavam o interesse em falar com eles. Ao reconhecer que o tratamento dado pelos componentes do grupo visava o lado humanístico e que a abordagem feita valorizava a pessoa do refugiado como alguém que busca sobreviver e não marginalizar, os personagens perceberam que seus depoimentos eram de extrema importância para mostrar a sociedade o verdadeiro significado do refúgio. Devido a essas informações, a realização deste trabalho ganhou um aspecto primordial para que a opinião pública conheça a história dos refugiados angolanos e congolezes.

Acredita-se ter apreendido por meios das narrativas, de que forma a realidade dos refugiados interfere no cotidiano social. Reitera-se aqui o compromisso e a responsabilidade de não apenas informar, mas formar opiniões por meio do documentário “A Vida é Luta”.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATÉ final de julho, 680 pedidos de refúgio no Brasil foram aprovados, um recorde para o país. **ONU**. [s.l.], 31 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/ate-final-de-julho-680-pedidos-de-refugio-no-brasil-foram-aprovados-um-recorde-para-o-pais/>> Acesso em: 31 jul. 2014.

COLETIVA dados de refúgio no Brasil. **ACNUR**. Brasília-DF, 2014. Disponível em: <<https://soundcloud.com/acnur-brasil/coletiva-dados-de-refugio-no-brasil>> Acesso em: 16 de jul. 2014.

BRASIL. **ACNUR**. Dados sobre refúgio no Brasil: Uma análise estatística (2010-2013). Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio\\_no\\_Brasil\\_2010\\_2013](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio_no_Brasil_2010_2013)>. Acesso em: 09 ago. 2014.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2007.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exige**. São Paulo. Geração Editorial, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2004.

MUSBERGER, Robert. **Roteiro para Mídia Eletrônica: Tv, Rádio, Animação e Treinamento Corporativo**. [s.l.]: Campus Elsevier, 2008.

NASCIMENTO, Luiz Sales do. **Cidadania dos Refugiados no Brasil**. [s.l.]: Verbatim Editora, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus, 2008.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevista bem**. São Paulo: Contexto, 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo. Contexto, 2008

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

REFÚGIO no Brasil: Uma Análise Estatística. Acnur. Brasília-DF, 2012.